RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 04/08/2026 | aceito: 07/08/2026 | publicação: 10/08/2026

O ensino da História e a questão das identidades africanas no curso de formação de professores em Angola

The teaching of History and the question of African identities in teacher training courses in Angola

La enseñanza de la Historia y la cuestión de las identidades africanas en los cursos de formación docente en Angola

Abreu Afonso | ORCID: 0009-0005-4394-4663
Matondo Luís Álvaro Kusonga | ORCID: 0009-0006-9842-9324
Cândido Comba Cutamo | ORCID: 0009-0002-9865-2340
Adão António Augusto | ORCID: 0009-0008-0044-8506
Valdmir Francisco Manuel Gamboa

Resumo:
O presente artigo, analisa o papel do ensino de História de África na construção das identidades africanas nos cursos de formação de professores em Angola. Partindo de uma abordagem qualitativa com entrevistas a docentes e estudantes, baseada em análise bibliográfica e documental, discute-se a importância de valorização das experiências históricas africanas no processo educativo. Os resultados revelam que que os currículos e matérias didáticos ainda apresentam perspectiva eurocêntrica, fragilizando o sentimento de pertença dos futuros professores. Concluiu-se que o ensino de História possui um potencial descolonizador, exigindo revisão curricular, formação docente baseada na afrocentricidade e uso de metodologias que valorizem a memória e a oralidade africana.

Palavras-chave:
História de África; Identidades Africanas; Formação de Professores; Angola.

Abstract:
This article analyzes the role of teaching African history in the construction of African identities in teacher training courses in Angola. Using a qualitative approach with interviews of teachers and students, based on bibliographic and documentary analysis, it discusses the importance of valuing African historical experiences in the educational process. The results reveal that curricula and teaching materials still present a Eurocentric perspective, weakening the sense of belonging of future teachers. It was concluded that the teaching of history has a decolonizing potential, requiring curricular revision, teacher training based on Afrocentricity, and the use of methodologies that value African memory and orality.

Keywords:
African History; African Identities; Teacher Training; Angola.

Resumen:
Este artículo analiza el papel de la enseñanza de la historia africana en la construcción de identidades africanas en los programas de formación docente en Angola. Mediante un enfoque cualitativo con entrevistas a docentes y estudiantes, basado en análisis bibliográfico y documental, se aborda la importancia de valorar las experiencias históricas africanas en el proceso educativo. Los resultados revelan que los currículos y materiales didácticos aún presentan una perspectiva eurocéntrica, lo que debilita el sentido de pertenencia de los futuros docentes. Se concluyó que la enseñanza de la historia tiene un potencial descolonizador, que requiere una revisión curricular, una formación docente basada en la afrocentricidad y el uso de metodologías que valoren la memoria y la oralidad africanas.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 04/08/2026 | aceito: 07/08/2026 | publicação: 10/08/2026

Palabras clave:
Historia africana; Identidades africanas; Formación docente; Angola.

Introdução

A História enquanto disciplina escolar, não se limita naturalmente a narrar factos do passado. Ela é um instrumento poderoso de construção da identidade, memória e consciência social. No contexto africano, e particularmente em Angola, o ensino da História assume um papel estratégico no processo de afirmação de identidades culturais, na valorização da herança ancestral e na superação de narrativas coloniais que por séculos invisibilizaram as sociedades africanas.

Desde a proclamação da independência de Angola, no dia 11 de Novembro de 1975, o país tem buscado construir um sistema educativo que resgate e valorize a sua história e cultura. A Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino 17/16 reforça o princípio de identidade nacional e de respeito a diversidade cultural. No entanto, observa-se ainda nos cursos de formação de professores a permanência de conteúdos metodológicos e perspectivas predominantemente eurocêntricas. Esse cenário gera uma contradição, formam-se professores angolanos com pouca conexão com a sua própria matriz cultural africana, o que impacta diretamente na forma como esses futuros professores irão ensinar a História nas escolas de base.

Diante disso, levanta-se o seguinte problema de pesquisa: Como o ensino de História nos cursos de formação de professores em Angola contribui para a construção e negação das identidades dos futuros docentes?

Para responder a essa questão, este artigo tem o seguinte objetivo geral: analisar o ensino de História nos cursos de formação de professores em Angola e compreender a sua influência na construção das identidades africanas nos futuros docentes.

Para dar suporte ao objetivo geral, elaborou-se os seguintes objetivos de partida:

- Identificar os conteúdos relacionados à História de Angola e de África presentes nos programas curriculares dos cursos de formação de professores;
- Avaliar as metodologias utilizadas pelos formadores no ensino de História, quanto a valorização de perspectivas afrocentradas e descolonizadoras;
- Propor estratégias pedagógicas para o fortalecimento do ensino de História como ferramenta de afirmação das identidades africanas na formação docente angolano.

A relevância deste estudo justifica-se pela urgência de se pensa um currículo de História descolonizado, que reconheça Angola e África como sujeitos da sua própria História. Formar

professores conscientes da sua identidade africana é condição essencial para formar cidadãos críticos, pertencentes e orgulhosos da sua origem.

Justificação

Este artigo justifica-se pela necessidade de repensar o ensino de História a partir de uma abordagem que reconheça e valorize as identidades africanas como parte constitutiva da formação histórica social e cultural. A historiografia tradicional fortemente marcada por uma perspectiva eurocêntrica, contribuiu de certa forma para a marginalização das experiências africanas, reduzindo-as a narrativa de subalternização, escravidão e passividade histórica.

Ademais, o ensino de História desempenha um papel estratégico na formação da consciência histórica e na construção das identidades sociais. Nas sociedades africanas, geralmente marcadas por experiências coloniais, como Angola, torna-se ainda mais relevante compreender como os processos educativos têm lidado com a representação das identidades africanas no currículo escolar.

A forma como a História é ensinada nas escolas influencia diretamente a percepção que os jovens constroem de si mesmos, das suas origens e da sua inserção na sociedade. Apesar das independências politicas maioritariamente alcançadas na década 60 do século XX, os esforços da afirmação nacional ainda se observa traços de uma narrativa histórica eurocêntrica, muitas vezes herdada dos sistemas coloniais de ensino. Essa narrativa, tende reduzir a complexidade das culturas africanas e a marginalizar as múltiplas contribuições das civilizações do continente, perpetuando uma visão fragmentada das identidades africanas.

Nesse sentido, o estudo do ensino da História sob a ótica das identidades africanas revela-se como um campo essencial da investigação, especialmente num contexto que busca consolidar os valores da cidadania, valorização cultural e memória coletiva.

A relevância deste estudo está, portanto, na necessidade de compreender de que forma o currículo de História, os materiais didáticos e as práticas pedagógicas têm contribuído ou não no fortalecimento das identidades africanas entre os estudantes. Com esta pesquisa, pretende-se oferecer subsídios para o aprimoramento de políticas educacionais e práticas docentes que promovam uma abordagem mais crítica, contextualizada e emancipatória do ensino da História, em sintonia com os desafios contemporâneos da África.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 04/08/2026 | aceito: 07/08/2026 | publicação: 10/08/2026

O ensino de História de África na sala de aula

A História como disciplina escolar surgiu na Europa, nos fins do século XIX e através dos tempos teve, e continua tendo, papel relevante na formação e preparação dos sujeitos para a vida social, através de suas experiências didáticas, o ensino de História auxilia na construção da democracia e da identidade.

Assim, o ensino de História desempenha um papel preponderante na formação de uma consciência patriótica, critica e das identidades dos indivíduos e das sociedades. No contexto africano marcado por séculos de escravidão e colonização a abordagem da História dos seus povos tem sido negligenciada ou distorcida. Durante décadas, as narrativas escolares reforçam uma visão eurocêntrica há história, relegando as culturas e civilizações africanas a um papel secundário ou meramente vinculado à escravidão.

Mas ensinar e aprender história requer uma avaliação profunda do papel formativo da disciplina, ou seja, deve-se pensar a história como saber disciplinar, que possui uma função relevante na construção da consciência histórica do homem. Assim, “a proposta do ensino de história passa a valorizar a problematização, a análise e a crítica da realidade, transformando professores e alunos em produtores de história e conhecimento em sala de aula, tornando todos sujeitos históricos do cotidiano”. (FONSECA, 2005, p. 23).

Desde o aparecimento dos primeiros homens, os africanos criaram ao longo de milênios uma sociedade autônoma que unicamente pela sua vitalidade é testemunha do gênio histórico de seus autores. Essa história engendrada na prática foi, enquanto projeto humano, concebida *a priori*. Ela é também refletida e interiorizada *a posteriori* pelos indivíduos e pelas coletividades. Torna-se, portanto, um padrão de pensamento e de vida: um “modelo”.

Sendo a História um processo de todas as sociedades, ela está presente em todos povos. Ao contrário, diversos autores num passado recente foram unanimes em afirmar a não historicidade de África, entre eles o alemão Hegel (1770-1831), definiu explicitamente essa posição em sua Filosofia da História, que contém afirmações como as que seguem:

> “A África não é um continente histórico; ela não demonstra nem mudança nem desenvolvimento”. Os povos negros “são incapazes de se desenvolver e de receber uma educação. Eles sempre foram tal como os vemos hoje. (HISTÓRIA GERAL DE ÁFRICA, VOLUME 1, P. 64)”.

O Hegel pretendia demonstrar e comprovar a não historicidade de África pelo facto de o mesmo continente, mormente ao sul do Saara não dominar a escrita, no seu entender, a escrita seria o único meio indispensável para a historicidade de um povo, foi muito infeliz acreditar

que o africano é incapaz de receber uma educação desconhecendo que a "Educação é toda influência que a sociedade desenvolve sobre um povo" (KEBANGUILAKO, 2016, p.34). É interessante notar que, já em 1793, o responsável pela publicação do livro de Dalzel julgara necessário justificar o surgimento de uma história do Daomé. Assumindo claramente a mesma posição de Hegel, ele declarava:

> Para chegar a um justo conhecimento da natureza humana, é absolutamente necessário preparar o caminho através da história das nações menos civilizadas [...]. Não há nenhum outro meio de julgar o valor da cultura, na avaliação da felicidade humana, a não ser através de comparações deste tipo. (DALZEL, 1793, p.45).

Ainda que a influência direta de Hegel na elaboração da história da África tenha sido fraca, a opinião que ele representava foi aceita pela ortodoxia histórica do século XIX. Essa opinião anacrônica e destituída de fundamento ainda hoje não deixa de ter adeptos. Um professor de História Moderna na Universidade de Oxford, por exemplo, teria declarado:

> Pode ser que, no futuro, haja uma história da África para ser ensinada. No presente, porém, ela não existe; o que existe é a história dos europeus na África. O resto são trevas [...] e as trevas não constituem tema de história. Compreendam-me bem. Eu não nego que tenham existido homens mesmo em países obscuros e séculos obscuros, nem que eles tenham tido uma vida política e uma cultura interessantes para os sociólogos e os antropólogos; mas creio que a história é essencialmente uma forma de movimento e mesmo de movimento intencional. Não se trata simplesmente de uma fantasmagoria de formas e de costumes em transformação, de batalhas e conquistas, de dinastias e de usurpações, de estruturas sociais e de desintegração social [...]. (História geral de África volume I, 2010 p. 65).

Ele argumentava que "a história, ou melhor, o estudo da história, tem uma finalidade. Nós a estudamos [...] a fim de descobrir como chegamos ao ponto em que estamos." O mundo atual, prosseguia ele, "está a tal ponto dominado pelas ideias, técnicas e valores da Europa ocidental que, pelo menos nos cinco últimos séculos, na medida em que a história do mundo tem importância, é somente a história da Europa que conta." Por conseguinte, não podemos nos permitir "divertirmo-nos com o movimento sem interesse de tribos bárbaras nos confins pitorescos do mundo, mas que não exerceram nenhuma influência em outras regiões". Relativamente a problemática em abordagem sobre o papel da história nas sociedades africanas, começa-se numa primeira perspectiva a ensinar que a África é uma parte da história universal ou ainda o Berço da historiografia mundial, pela simples razão de que a ciência comprova ser a África a Mãe da humanidade por dois motivos, a destacar:

- A África é o continente onde a vida humana começou;

- A África é a primeira parte do globo terrestre onde formou a civilização das civilizações “o Egipto antigo”.

Importa aqui avançar que a África tem uma heterogeneidade de hábitos e costumes, diversas histórias, pois cada povo que constitui essa grande porção da terra tem elementos característicos dos demais povos do continente Berço, no entanto, esses diferentes costumes fazem de África um continente complexo. Ora, como professores de história, temos a obrigação de resgatarmos a essência desta historicidade que habita maioritariamente na tradição oral e em algumas fontes escritas. Neste caso, o papel do Professor de história passa necessariamente em buscar as várias informações desconexas para transformar em conhecimento. (PINSKY & PINSKI, 2003, p.22).

O ensino de história que não pode ser posto a parte é o ensino de História sem uma visão eurocentrista, quer dizer, o processo da evolução histórica enquanto ciência é eurocentrista, por esta razão a história enquanto ciência relata tudo quanto a Europa defende e acredita. Existe uma história de África e outra em África, a primeira é aquela que os filhos destes continente e algumas individualidades imparciais tentam escrever para se ensinar a verdadeira e autêntica historiografia africana, enquanto a segunda é aquela que foi geralmente descrita por missionários, sacerdotes políticos e que omitem a real história africana.

Apesar dos avanços no campo pedagógico, o ensino da História e das identidades africanas enfrentam diversos desafios nas escolas do continente Berço da Humanidade. Como romper com os estereótipos ainda presentes nas abordagens didáticas? De que forma os professores estão preparados para trabalhar a diversidade e a complexidade das culturas africanas em sala de aulas? Essas questões revelam as lacunas na formação docente, na produção de materiais didáticos e na implementação efetiva de políticas educacionais voltadas a valorização das identidades africanas. Discutir o ensino da história através desta perspectiva implica repensar não apenas o conteúdo, mas também as metodologias, as práticas e os valores que orientam o processo educativo.

Os professores de História de África, doravante, têm a missão de descrever quanto tudo que aconteceu desde os tempos mais remotos a atualidade. A história deve ser feita do jeito que acontece sem tendência de glorificar, esvaziar, ou de relevar a favor do A ou do B, deve-se sim tratar-se os factos, questionando-os e validando as suas fontes. Olhando para a historiografia africana, dá-se conta do surgimento duma história que quis apagar ou deturpar a história de uma parte da humanidade- África.

Partindo dos escritos do prefácio da primeira edição da obra História Geral da África, Valter Silvério afirma que: *Hoje, torna-se evidente que a herança africana marcou, em maior*

ou menor grau, dependendo do lugar, os modos de sentir, pensar, sonhar e agir de certas nações do hemisfério ocidental. Entre essas nações do hemisfério ocidental estão Brasil, país que tem uma umbilical ligação com o continente africano. Tal ligação se deve ao fato de que este país, entre os séculos XVI ao XIX, foi o que mais importou mão-de-obra africana na condição de escravizados. E isso fez com que o Brasil recebesse influências de povos africanos.

No ensino de História é necessário que o professor na sala de aula ensine aos seus alunos que antes de tudo são africanos e devem conhecer a história do seu bairro, comuna, município, província, país e o continente todo – Africano. Também deve-se ensinar que a África é um continente com suas especificidades. Desta feita, Mônica Lima afirma:

> Não há como recuperar a africanidade sem conhecer a própria história da África. Ao mesmo tempo, é necessário despir-nos dos preconceitos etnocêntricos (olhar um povo ou etnia com valores de outro), a África como lugar atrasado, inculto, selvagem – e deixar de supervalorizar o papel de vítima- do tráfico, do capitalismo, do neocolonialismo, atitude que alimenta sentimento de impotência e incapacidade (LIMA, 2004, p. 85).

Conforme Lima, para ter um melhor entendimento sobre a história da África, é necessário conhecer com mais profundidade nossas raízes, portanto estudar sobre a História da África, precisamente sobre a escravidão, possibilita ao aluno ampliar seus conhecimentos, e estimulando-o à pesquisa sobre temas africanos. Cabe aos professores a tarefa de multiplicar iniciativas sobre temas onde resgata a História de África.

Assim sendo, ressaltamos a escravidão ocorrida entre os africanos e portugueses, durante os séculos XV a XIX, com a intenção de desmistificar o conceito que esse sistema de comércio iniciou com os portugueses, já que essa prática era vigente entre os próprios africanos. Pese embora que a escravatura praticada pelos africanos tinha um pendor educativo, onde a maior parte eram os acusados da prática de feitiçaria, os devedores, os presos da guerra e sobretudo os adúlteros, mas todos estes tinham direitos e deveres e em muitos casos substituíam os seus chefes na sua ausência.

O tráfico Transatlântico de escravos (da África para a Europa) que desenvolveu-se por um lado, graças à participação ativa dos africanos. Para realizar essa temática, junto ao público alvo na sala de aula, deve-se selecionar os mais variados recursos, como: textos, imagens, vídeos, mapas e canção com produções e interpretações textuais e orais de forma a explorar a temática sobre a escravidão africana e tráfico de escravos na própria África e outras regiões do mundo.

A partir dos textos complementares: “África e africanos: mosaicos de culturas”, “A escravidão e o escravismo”, “Tráfico Negreiro”. Pode se realizar leituras e debates, com a sala organizada em grupos, onde cada grupo coloca suas opiniões sobre a temática em estudo.Com base nos textos elencados, organiza-se um mini seminário destacando pontos estratégicos de comércio entre portugueses e africanos.

A avaliação das atividades implementadas ocorrem de forma contínua, por meio da produção escrita (elaboração de textos, sínteses, parágrafos, questionamentos), seja pela observação da oralidade (opiniões, argumentações, apresentações, reflexões). Assim sendo, perceber e acompanhar o crescimento da aprendizagem do aluno sobre o tema proposto. Sendo assim, será gratificante desenvolver esse tema e poder acrescentar no aprendizado dos alunos, novas perspectivas, direcionando-os à busca de novos caminhos de aprendizagem. Destacar que o assunto “Escravidão na África” precisa ser bem contextualizado na sala de aula, priorizando o entendimento e não a banalização e/ou a mal interpretação. Isso requer conhecimento, onde os professores precisam estar buscando, inovando, se preparando a cada dia para enfrentar os desafios juntos aos alunos.

Considerações sobre a construção da identidade africana

Para Munanga (2009), a identidade negra é a construção social, histórica e cultural. Para o autor, essa identidade africana foi fraturada pelo colonialismo que impôs valores, línguas e história europeia como superiores. Recuperar a identidade africana passa por resgate a memória, cultura e protagonismo dos povos do continente.

Em tempos de “globalização”, falar sobre identidade e/ou singularidade ressoa num paradoxo. Existem alguns discursos no cenário político, filosófico, económico e cultural que apontam para uma homogeneização das identidades numa escala global. Porém, na mesma proporção dos discursos de homogeneização, coexistem conflitos no âmbito regional que geram a rearticulação entre o local e o global. Nesse sentido, abrolham novas culturas identitárias produzidas nas fronteiras da globalização.

A formação da imagem do negro iniciou-se no contacto dos europeus com o continente africano, resultando dessa alteridade o sentimento de superioridade para sua própria construção do eu e da inferioridade do outro. E nem isso ocorreu de maneira instantânea.

Conforme Hernandez (2005), os europeus primeiramente conheceram as rotas comerciais dos africanos com a Ásia e a Europa pelo Mediterrâneo, seus saberes de metalurgia, de navegação e a comercialização do marfim. Parafraseando Thornton (2004), já comentou

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 04/08/2026 | aceito: 07/08/2026 | publicação: 10/08/2026

sobre essa apropriação de invenções e conhecimentos de outros povos pelos europeus, inclusive o africano. Após esse período de exploração e de reconhecimento de espaço e povos, começaram as estratégias de obter vantagem dos conflitos entre as diversas nações, quando começou a escravidão tal como a conhecemos atualmente. Entretanto, o período de exploração e dominação mais acentuada e rígida não demorou a acontecer, mas também as explicações que as justificavam também afloravam no momento, como as teorias racistas e a propagação da fé cristã. A partir daí, os negros africanos passaram a ser considerados inferiores, necessitados de governo e de salvação, com respaldo em vários teóricos, como, por exemplo, Buffon, Voltaire, Diderot e Kant:

> Buffon, por exemplo, ilustrado monogenista, defensor de uma origem comum para a humanidade, explicava a inferioridade dos negros africanos utilizando-se da teoria do clima. Segundo ele, vivendo entre os trópicos, num clima inóspito com temperatura excessivamente quente, os negros não encontraram condições ideais para o desenvolvimento corporal, moral, intelectual e estético tal como o fizeram os povos europeus, situados num clima temperado. Desta forma, os negros e os seus descendentes mestiços seriam anormais e degenerados. Voltaire, ao contrário, era um poligenista e, portanto, defensor da diversidade das origens dos homens. Por isso, alegava que a inferioridade do negro decorria de sua espécie originária, já que havia uma estrutura interna peculiar a cada raça. Sua crença em origens diferentes e em espécies fixas o conduziu a considerar a mestiçagem como uma anomalia lamentável e acidental, sendo os mestiços frutos de uma relação sexual contra a natureza (SANTOS, 2002, p.10).

A teoria da evolução de Darwin difundiu-se bastante nesse período, incorporada a outras ciências, como a antropologia, e também contribuiu para construção da imagem do negro. No sentido de favorecer uma representação do negro, Friedrich Hegel tem uma participação importante:

> Na Filosofia da história universal, a historicidade da África, tal como é considerada por Hegel, decorre, em particular, de duas razões interdependentes. A primeira, pelo fato de a história ser entendida como própria de um Velho Mundo que excluía a África subsaariana e a segunda por conceber o africano como sem autonomia para construir a sua própria história [...] Quanto à primeira razão, cabe explicar que a história se restringia aos espaços geográficos que tinham como elemento de união o mar Mediterrâneo, promotor da civilização. Estavam ligados a esse "coração do mundo antigo" o sul da Europa, o sudoeste da Ásia, a África setentrional (Marrocos, Argel, Túnis, Trípoli) e o Egito. Em síntese, o mar Mediterrâneo é o elemento de união destas três partes do mundo, e isso o converte no centro de toda a história universal. HERNANDEZ (2005, p. 19).

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 04/08/2026 | aceito: 07/08/2026 | publicação: 10/08/2026

Vê-se com esses exemplos que as teorias naturais e botânicas estavam adentrando nas ciências humanas e o conceito para os negros estava biologicamente sendo traçado. Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de raça negra. Assim sendo, o termo *africano* ganha um significado preciso: negro, ao qual se atribuíam amplo espectro de significações negativas tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo (Hernandez, 2005, p. 18).

Esse começo da construção da imagem negra é relevante para que possamos entender como ela se refletia na educação e principalmente no ensino de história. Ademais, a história desempenha um papel essencial na construção da identidade individual e coletiva. É através da História que os povos compreendem as suas origens, valorizam as suas conquista, reconhecem os seus desafios e constroem uma visão do futuro. O conhecimento histórico permite que os indivíduos se reconheçam como parte de uma trajetória sociocultural mais ampla.

Segundo Le Goff (1990), “a história é a memória organizada das sociedades. É o que permite aos indivíduos e aos grupos dar sentido ao seu presente, a partir da compreensão do passado”. Ou seja, conhecer a História é fundamental para construir uma identidade sólida e consciente.

A identidade não surge de forma espontânea, mas é construída com base aos acontecimentos históricos marcantes, como a colonização, a luta pelas independências africanas, os movimentos sociais, as guerras e os processos de modernização. No caso Angolano, a longa luta contra a ocupação colonial portuguesa e a conquista da independência em 1975, são marcos fundamentais para a formação da identidade nacional.

Hall (2006), reforça essa ligação entre a história e a identidade ao afirmar que “a identidade é formada e transformada no tempo, através de narrativas da história. Desta forma, estudar a história de um povo é também estudar a sua identidade, compreender como ele se vê, como se apresenta ao mundo e como deseja ser lembrado. A escola, os museus, os arquivos históricos e os espaços públicos de memória desempenham um papel vital nesse process

O ensino de história por muito tempo ficou conhecido por ser conteudista. Entretanto, na década de 1960 a mudança ocorrida no sector pedagógico concedeu ao professor maior autonomia na elaboração das aulas, de modo que pudesse se adaptar melhor à experiência de vida do aluno e sua realidade, pois “O objetivo era recuperar o aluno como sujeito produtor da História, e não como mero espectador de uma história já determinada, produzida pelos heroicos personagens dos livros didáticos” (Bensi; Salvucci, 2008). Já nos anos 1990, a História

passa a abarcar novas temáticas e com isso pesquisar assuntos mais condizentes com a sociedade. Nesse sentido, afirmam os mesmos autores:

> A historiadora e pesquisadora Circe Bitencourt salienta que "um dos objetivos centrais do ensino de história na atualidade relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidades. A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a ser constituída pela história escolar, mas por outro lado, enfrenta o desafio de ser entendida em suas relações com o local e o mundial", portanto a constituição das identidades está totalmente relacionada com a questão da cidadania, que é um problema essencial na atualidade [...]. Nesse aspecto a História deve contribuir para a formação do "cidadão e cidadã críticos", mostrando a importância política da disciplina. Nesses aspectos discutidos e tendo como fundamento todo o debate teórico intrínseco é que devemos repensar a questão de como os professores e professoras irão trabalhar com esse material, principalmente, pelo fato de que muitas vezes a realidade encontrada nas escolas dificulta-lhes muito o trabalho (p. 45).

Desse modo, percebemos que:

> As mudanças curriculares devem atender a uma articulação entre fundamentos conceituais históricos, provenientes da ciência de referência, e as transformações pelas quais a sociedade tem passado, em especial as que se referem às novas gerações. Diversidade cultural, problemas de identidade social e questões sobre as formas de apreensão e domínio das informações impostas pelos jovens formados pela mídia, com novas perspectivas e formas de comunicação, têm provocado mudanças no ato de conhecer e aprender o social (BITTENCOURT, 1999, p. 135).

Diante disso, verifica-se a possibilidade para a prática do ensino de história de aproveitar o conhecimento do aluno para que sirva como uma ponte entre o conhecimento histórico e a realidade local de cada estudante. O conteúdo passa a ser oferecido de modo comparativo e paralelo com a vida cotidiana dos discentes, procurando fazer com que o educando aprenda que a história faz parte da vida como um processo construtivo, e nesse processo todos somos transformados. É por isso que o ensino de história chama a todos de agentes históricos. Essa maneira de ensinar a história, tornando-a fonte de conhecimento do presente sobre o passado, faz parte da proposta oferecida por Rüssen (2007). Esse autor coloca o ensino de história como uma ponte entre o passado e o futuro, sendo o presente a estrutura intermediária, e o conhecimento adquirido, o condutor de cada sujeito a pensar a si mesmo como sujeito histórico, posicionando-se no mundo e buscando agir sobre ele. Um ensino que traga, além da consciência histórica, a forte vontade de interagir na vida como um cidadão.

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 04/08/2026 | aceito: 07/08/2026 | publicação: 10/08/2026

Materiais e métodos

Quanto ao objectivo da pesquisa é analítica, porque procurou analisar de forma pormenorizada o ensino da História e a questão das identidades africanas nas escolas de formação de professores em Angola. No que concerne a natureza a presente pesquisa é qualitativa, pois, prendeu-se na busca teórica das descrições sobre o problema em estudo (MARCONI & LAKATOS, 2002, p.34), por esta razão não foi necessário a quantificação dos dados da presente investigação.

Nesta senda, utilizou a entrevista para se obter mais contribuições a respeito do problema levantado, sendo que tecnicamente recorreu-se a entrevista semipadronizada na qual dirigiu-se aos entrevistados de forma descontraída, incidido sobre uma questão: "*a forma como é ensinada a História de África contribui ou não para a valorização da identidade africana?"*

Com base aos fins da nossa investigação a população selecionada é de 55 elementos, com uma amostra de 25 indivíduos da Escola Superior Pedagógica do Cuanza Norte. Dentre eles 23 estudantes do 3º e 4º Anos e dois professores que lecionam nas respetivas turmas. Os entrevistados estão entre os 22 aos 38 anos de idade.

Outrossim, a pesquisa serviu-se de método bibliográfico, por meio da análise das "contribuições de diversos autores sobre o assunto (Marconi & Lakatos, 2002, p.78), consiste em investigar os acontecimentos e processos históricos para verificar a sua influência nas instituições atuais. Considerando que é fundamental estudar suas raízes visando a compreensão da sua natureza e função.

Também recorreu-se ao método bibliográfico a partir do material já publicado, constituído principalmente de livros, revistas, publicações periódicas, artigos científicos, boletins, teses, material cartográfico, internet, com objectivo de colocar o pesquisador em contacto direito com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (Prodanov & Freitas, 2013, p.54).

Resultados

Explicitação sobre a forma como é ensinada a História de África contribui ou não para a valorização da identidade africana

Nesta questão, entrevistamos o "C.C", Licenciado em Antropologia e professor de Antropologia Cultural e de Arqueologia, reiterou que em muitos casos "a forma como é

ensinada a História não contribui para o desenvolvimento e valorização das identidades africanas, porque nós continuamos numa programação eurocêntrica, pese embora, ainda existe alguns professores ousados que vão debater-se com este sistema de programação. Mas de modo geral, esta forma de ensinar a História provoca um retrocesso para o desenvolvimento africano, uma vez que não conseguimos de nos identificar se realmente somos africanos ou ocidentais." Ademais, afirmou ainda o seguinte: Primeiramente, é necessário uma roptura com a programação ocidental através das suas instituições que se mundializaram e segundo, recorrer e reconhecer os projectos traçados pelos pan-africanistas, nomeadamente o de Ki-Zerbo e Cheik Anta Diop sobre a educação para o africano.

Por outro lado, o "M.K", Licenciado em Ensino da História e Mestrando em História de Angola, Professor de História e Cultura de Angola, salienta que "a forma como é ensinada a História de África nos remete a duas respostas: Sim ou Não. Justificando ele afirma. A História pode ser ensinada para valorizar a cultura, a nossa identidade. Mas também pode ser ensinada para não valorização da identidade africana, mas sim de outros povos. [...], a história quando é ensinada de forma crítica, ela fortalece o sentimento da pertença, valoriza e engrandece o autoestima. Por exemplo, quando se trata do processo de mumificação dos corpos, os atuais morgues foram inspirados pela forma como o antigo Egipto armazenava os corpos dos Faraós por longos anos, ensinando a verdadeira história, certamente favorecerá a nossa identidade, fazendo com quem os mais jovens, inspiram-se nos feitos dos africanos do passado e quererão aprender as línguas locais bem como a cultura no geral. Todavia, para que se ensina realmente a verdadeira História que promova a valorização e a identidade africana que se forma professores e estudantes críticos, imparciais e capazes de elevar os feitos de africanos de ontem.

Dos alunos entrevistados A, E, H, V, X e Y, foram unânimes em afirmar que estudam mais História da Europa, em relação a de Angola e de África, pós a maior parte do conteúdo aborda sobre Europa medieval, expansões europeias, Grécia antiga, Revolução Francesa, Industrial e Reformas protestante.

Ademais, os cursos de Magistérios Primário e Instituto Médio Normal da Educação (IMNE), são os responsáveis pela formação de 80% dos professores do Ensino de Base. A lei 17/16 determina a valorização da identidade nacional. Mas os estudos de Nguluve (2025), mostram que os manuais e práticas ainda produzem cronologia europeia e minimizam reinos africanos como Kongo, Ndongo e Matamba.

Portanto, urge a necessidade de se descolonizar os programas de história, começando por: 1) Fazer uma revisão de todos programas com mais carga para a História de Angola e de África; 2) Formação continuada dos professores-formadores em pedagogia afrocentradas; 3)

Uso de fontes orais e cultura local como material didático. Só assim a escola formará docentes que ensinem crianças angolanas e africanas no geral a se reconhecer como herdeiras de uma grande civilização.

Considerações finais

O presente estudo analisou a abordagem do ensino de História nos cursos de formação de professores em Angola e sua relação com a construção de identidades africanas. Com base nos dados levantados no referencial teórico de Munnga 2009, Ki-Zerbo 2010 e Asante 2009, conclui-se que ainda persiste um descompasso entre o que determina a Lei de Bases de Sistema de Educação e Ensino 17/16 e a pratica pedagógica observada.

Verificou-se que os conteúdos curriculares, embora prevejam o estudo de História de Angola e de África, continuam marcados por uma perspectiva eurocêntrica. Os manuais didáticos e de metodologias utilizadas pelos formadores privilegiam narrativas externas, o que dificulta o processo de afirmação de identitária dos futuros docentes. As percepções dos estudantes confirma que o ensino de História, de forma como se vem sendo conduzido, pouco contribui para o fortalecimento do sentimento pertença e valorização da cultura africana.

Diante disso, constata.se que o ensino de História possui potencial transformador para a construção de identidades africanas positivas, desde que sejam assumida uma postura descolonizadora. Para tal, recomenda-se: 1) revisão dos programas curriculares com maior valorização de fontes africanas e de História local; 2) formação continuada dos professores na perspectiva afrocentricidade; 3) adoção de metodologias ativas que utilizem memória, a oralidade, e a cultura material, como recursos pedagógicos.

Concluiu-se portanto, que formar professores com identidade africana sólida é condição essencial para que estes, futuramente, formem cidadãos críticos e conscientes da sua história. A escola e o curso de formação de professores têm, assim, o dever ético e político de romper com o silenciamento da história africana e torna-la eixo central do processo educativo.

Referências bibliográficas

Et al. História Geral de África, Volume I, Brasília, 2010.
E*t al. História na sala de aula*, Editora Pinsky Ltda, Brasília, 2003
ANGOLA. Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino 17/16. Luanda: INIDE, 2016.
ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: a teoria da mudança social. São Paulo, Selo Negro, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: Fundamentos e métodos. Cortez.1999

DALZEL, Archibald. The History of Dahomey (1793)

HERNANDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: Os projetos de trabalho, Artmed.2005.

HERNANDEZ, L. L. *África na sala de aula: visita a História Contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

KARNAL, L. (Org.) *História na Sala de aula: Conceitos, práticas e propostas*. Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KEBANGUILAKO, D., *Educação em Angola: sistema educativo. Políticas públicas e os processos de hegemonização e homogeneização política na primeira Republica 1975-1992*, Salvador, 2016.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Editora da UNICAMP.1990.

LIMA, Mônica. *A África na sala de aula: obrigatoriedade de ensinar história e cultura africanas é o novo desafio dos professores brasileiros*. Revista Nossa História, Rio de Janeiro, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. Atlas.2002.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus Identidade negra. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NGULUVE, Alberto. Educação em Angola: desafios pós-independência. Luanda: Nzila.2015.

PINSKY, J. (Org.) *Repensando o Ensino*: *O ensino de História e a criação do fato*. Ed. São Paulo. Contexto, 2002.

PINTO, Simone Martins Rodrigues. *A Construção da África: uma reflexão sobre origem e identidade no continente.* São Paulo, 2007.

PRODANOV, cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho académico. Feevale.2013.